

RESENHA

ROUSSEAU & A EDUCAÇÃO

Eliane Juraski Camillo¹

STRECK, Danilo R. **Rousseau & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Danilo Romeo Streck é gaúcho, doutor em Fundamentos Filosóficos da Educação pela Rutgers - The State University of New Jersey (1977). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade da Califórnia, Los Angeles, e no Max-Planck Institute for Human Development, em Berlim. Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde atua principalmente nos seguintes temas: educação popular, educação e exclusão social, mediações pedagógicas e processos participativos. Também integra o Comitê Assessor da área da Educação do CNPq e o Comitê Assessor da área da Educação e Psicologia da FAPERGS, sendo, ainda, bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 1B.

Rousseau & a Educação integra a coleção pensadores & a educação e se direciona principalmente para educadores, pesquisadores, estudantes dos cursos de pedagogia e licenciaturas e demais interessados em Educação. Na obra, o autor desvela a maneira como Rousseau foi atual em seu tempo e de que forma seria possível nos ajudar a sermos atuais hoje.

À priori, Streck situa Rousseau como uma figura perante a qual é impossível sustentar uma posição de mera neutralidade – se é que a mesma existe. Enquanto uns o admiram efusivamente, outros cultivam genuína aversão pela sua vida e obra.

Amores e ódios à parte, até porque o homem é um perene vir-a-ser, nunca sendo todo o homem, o autor instiga o leitor a mover-se pela vida e obra de Rousseau, despindo-se da

¹ Graduação em Letras-Inglês (URI); Mestre em Educação (UNISC); Doutoranda em Educação (UFSC); Integrante do grupo de pesquisa da linha Educação, Trabalho e Emancipação da UNISC. EMAIL: juraskicamillo@gmail.com

atitude simplista e reducionista de julgá-lo a fada benfazeja ou o ogro horrendo no movediço terreno da educação. Cabe, sim, (re)visitar sua vida e obra, analisando e refletindo de forma mais acurada possível sobre o teor de atualidade de seu tempo, bem como das contribuições de seu pensamento para a educação, transposto para a contemporaneidade.

Streck apresenta Rousseau como uma pessoa de exacerbada sensibilidade crítica e de dom observador da natureza, das pessoas e das instituições sociais. Jean-Jacques Rousseau foi uma figura proeminente do Iluminismo, sendo que suas ideias serviram (embora algumas erroneamente) à Revolução Francesa. Nasceu em Genebra (1712) – cidade que muito amou devido ao tipo de democracia praticada. Era filho de um relojoeiro e da filha de um pastor protestante. Ainda em tenra idade foi a Turim, onde se converteu ao catolicismo. Depois esteve em Veneza, exilou-se na Inglaterra, sendo recebido por David Hume. Seus dias findaram de forma errante e misantropa, embora continuasse a crer na bondade natural dos homens.

Streck visualiza o tecido social da época de Rousseau que se caracteriza, sobremaneira, pela consolidação de crenças e instituições hoje solidificadas (família, educação, Estado), refutando a hipocrisia e a desigualdade presente em todas as esferas sociais.

Um dos episódios dignos de nota em sua vida foi o fato de abandonar os filhos, confiando-os a um orfanato. Embora, segundo o depoimento do autor, tal prática fosse comum na época, tanto por parte dos que não tinham condições para criá-los, como os que simplesmente não os desejavam, Rousseau é alvo de ferrenhas críticas de seus desafetos, os quais declaravam abertamente que autor de tamanha monstruosidade não possuía credenciais para discorrer sobre educação.

Em se tratando do lugar atribuído à educação, o autor enfatiza que Rousseau ocupa lugar central na pedagogia moderna. As múltiplas nuances que compõem o vasto caleidoscópio da educação, em seus pontos positivos e negativos, têm nele seu ponto de partida.

Encetando considerações acerca de Rousseau e a educação sob a ótica de Streck, convém afirmar que o mesmo encarava a prática educativa como muito mais do que simplesmente uma escola e um professor repassando informações a um aglomerado de alunos. O sentido maior da educação defendida por Rousseau circunscreve-se na educabilidade do ser

humano, na autonomia ou ideia de um projeto emancipatório, adicionando-se os mestres e na educação propriamente dita.

Sobre a educabilidade em Rousseau, é possível perquirir que educar, de certa forma, funde-se com a própria vida, haja vista que desde o nascimento (ou da concepção?), o homem inicia um eterno processo de aprendizagem. Aliás, não apenas o homem, mas todos os seres vivos aprendem a viver. Então, a educação seria a resposta adequada ao apelo ontológico de ser mais do homem. Ela que palmilha com desenvoltura a distância jamais passível de mensuração entre o que o homem é e o que ele pode vir a ser, tomando-o como um ser-em-possibilidade. Por essa razão que Rousseau rompe com a educação embasada em Comênius, em que o programa e os conteúdos a serem vencidos são o centro do processo, para, em seu lugar, eleger a criança e suas especificidades.

Adentrando no campo da autonomia – ou o projeto de emancipação humana, Streck entende que Rousseau situa-a não apenas como possibilidade, mas como obrigação, reiterando que ninguém tem o direito de submeter outrem aos seus desígnios, tolhendo, assim, a iniciativa alheia. Três categorias substanciais se aproximam do que seria a definição mais adequada de autonomia para Rousseau: indivíduo, igualdade e liberdade.

A educação ancorada na autonomia, na visão rousseuniana, gravita em torno de um processo que ocorre no indivíduo e com o indivíduo, usando, em diversas ocasiões, sua biografia como resultado da construção de um indivíduo. Não compartilha da máxima do homem como ser social, porém individual, em seu estado natural. A socialidade concorre para a civilização e depravação humana, onde alguns se acham no direito de subjugar os outros.

A liberdade, aponta Streck, possui um valor inestimável para Rousseau, abnegando qualquer forma de escravidão, por mais branda que seja. Com efeito, o pensador questiona sobre como o homem possa viver em sociedade sem ter que deixar de ser livre, defendendo a aporia de que se a liberdade individual for entregue ao todo, efetivamente não depositar-se-á a ninguém em específico, não havendo, assim, sujeição.

O todo é a soma da vontade de cada um, não se admitindo transgressões da liberdade individual. Por isso, cada parte assume responsabilidade para com o todo, formando um Estado mais sólido, com cidadãos verdadeiramente autônomos. As obras *Emílio* e *Contrato Social* exprimem fidedignamente o posicionamento de Rousseau em relação ao descrito, entrelaçando-se com a educação, pois Emílio está sendo educado para viver em uma

sociedade organizada segundo os pressupostos do contrato social, à luz da liberdade, da responsabilidade e da autonomia.

Streck revela que, para Rousseau, a igualdade é outra categoria que contribui incisivamente para a liberdade e a autonomia. O seu oposto, a desigualdade, pode ser dividida em dois aspectos: a desigualdade natural entre as pessoas (idade, sexo, inclinações), o que contemporaneamente se define como alteridade; e as desigualdades atribuídas ao excesso de privilégios de alguns em detrimento da pobreza da maioria. Rousseau sustenta que a propriedade privada foi o grande *leitmotiv* do agravamento das desigualdades entre os homens, o que no estado natural é quase inexistente. Prescreve a lei como indispensável no sentido de exterminar as desigualdades. Todavia, isso apenas poderá se efetivar de maneira plena e equitativa sob a égide da educação.

O autor considera Rousseau utópico. Contudo, com âncora em Bloch, afirma-se que há dois tipos de utopia: a abstrata – inatingível, e a concreta – passível de acontecer. É preciso levar em conta que muito do que foi considerado utópico no passado hoje é realidade. Portanto, a utopia deve ser o combustível que move o ser humano em direção às realizações. Quando se perdeu a esperança, nada mais há a perder. Em relação aos tipos de educação, Rousseau sustenta que existe a educação da natureza, das coisas e dos homens. A educação da natureza, embora seja um conceito de extrema amplitude, apoia-se no fato de que nela há um princípio ativo imprescindível que age sempre em direção à capacidade de aprender, à verdade (a planta procura sempre a luz, a criança – mesmo sufocada – tem na curiosidade a condição *sine qua non* para aprender).

Processo análogo ocorre em relação aos fatos. Eles também educam. Para isso, não devem ser apresentados ou tomados como verdades absolutas, como na maioria das vezes acontece com as abordagens dos livros. Fatos, experiências e acontecimentos históricos são de grande valia para a educação quando dão azo a reflexões e (re)elaborações, confluindo para a edificação do senso crítico.

A educação dos homens, conforme Rousseau, é imprescindível no afã de transformar o homem em cidadão de fato, não devendo desconsiderar os ensinamentos advindos da natureza e das coisas. É mais arte que ciência. Por isso, jamais será toda a educação, habitando o campo da possibilidade. A educação instrumentaliza o homem de tudo o que ele necessita,

desde o nascimento, momento em que é o mais frágil dos animais. E por mais bem sucedida que for, seus resultados nem sempre serão os mais positivos. Auschewitz que o diga!

Indubitavelmente, é digna de nota o que Rousseau denomina de gramática da infância, fazendo clara alusão à infância como uma das fases que compõem a vida, com valor e centralidade próprios, não apenas encarando a acriança como um ser em passagem, uma miniatura, um projeto de adulto. Assim, sua educação deve se realizar respeitando suas peculiaridades. O autor acredita que Rousseau lançou as bases para que Piaget, mais tarde, elaborasse os estágios de desenvolvimento da criança. O pensador ainda discorreu sobre a importância, a exemplo do catecismo, de não forçar a aprendizagem da criança, fazendo-a assimilar o que ela ainda não possui maturidade para entender, sendo mais oportuno expô-la a experiências e fatos para que, paulatinamente, ela possa expandir sua leitura de mundo.

No entendimento de Streck, Rousseau, no *Contrato Social* defende uma atitude paradoxal em relação ao casamento, recordando que na época eram comuns os arranjos entre as famílias. Ele corrobora a presença do amor, mas um amor controlado pela razão, afinal, nada deve servir de obstáculo para que o homem perca, mesmo que momentaneamente, sua racionalidade, entregando-se, sem peso nem medida, a um grande amor. O axioma humano é tornar-se um cidadão pleno para viver o contrato social. Tanto é que, em *Júlia ou a nova Heloísa*, Júlia abdica de seu verdadeiro amor para casar-se com um homem ponderado, revelando a feição dicotômica acerca do assunto: amor é uma coisa; casamento, outra. O casamento requer moderação, calma. E o amor é um sentimento demasiadamente arrebatador, podendo atrapalhar esse equilíbrio.

Conforme o autor, Rousseau sempre exaltou os predicados do homem natural, embora reconhecesse que era impossível um retorno a essas condições, por conta do grau de progresso alcançado pela espécie humana. Dessa maneira, o homem viveria um perene embate, lutando para ser bom, racional e virtuoso, numa sociedade que tende ao vício e à depravação.

Rousseau dispensa singular atenção ao como estudar a sociedade, objetando que é necessário tomá-la pelo estudo do homem e vice-versa. Adiciona-se a isso a inevitabilidade de transpor os pré-julgamentos, as aparências, as verdades cristalizadas e sedimentadas, procurando julgar segundo a ótica de quem o faz. Por intermédio de *Júlia*, Rousseau destaca a indispensabilidade da imersão (adentrar sem reservas na realidade estudada), do lugar do observador (tendo o distanciamento preciso – nem longe demais, tampouco próximo em

demasia), o todo e as partes (o geral e o restrito), a informação que importa (a discrepância entre o que é dito e o que é feito e o modo como a linguagem é utilizada) e o retorno ao eu (um refúgio reconfortante).

Sabidamente, o autor estabelece relações com o acima exposto e a realidade do pesquisador hoje, no teor indiscutível de atualidade de todas as variáveis descritas quando o intento maior é desvendar uma questão que se interpõe ao pesquisado, eterno formulador das perguntas que resultarão em respostas capazes de dar conta de realidades cada vez mais densas e complexas.

Conhecer a natureza, para Rousseau, equivale a um profundo gesto de amor, impulsionado pela curiosidade, tendo o ócio como condição fundamental. Vê, na natureza, todo um mavioso e harmônico conjunto a ser conhecido, contemplado e respeitado; e não apenas prócer de uma visão utilitarista. Transposto para a contemporaneidade, essa visão reforçaria a luta de ecologista e de pessoas em geral que se doam pelas lutas de cunho ambientalista, repelindo ingentemente os que veem nos recursos naturais apenas oportunidades lucrativas.

Como poucos autores, Rousseau transita com desenvoltura entre várias áreas – política, filosofia, educação – desenvolvendo uma teoria muito bem articulada, o que, para Streck, estaria ausente nos dias de hoje, quando as produções são abundantes, porém carece uma integração mais consistente entre as várias áreas, capaz de provocar rupturas que desemboquem em mudanças significativas na pedagogia atual.

O autor evidencia que o pensamento rousseauiano expõe que a educação, por intermédio de uma espécie de revolução pedagógica, deve assumir o epicentro das discussões e das preocupações contemporâneas. Por isso, o educador, saliente na figura do preceptor, deve ser movido por razão e paixão na arte de educar, considerando-o um autêntico artista, revestido de sensibilidade para captar com maestria o mundo que o rodeia, promovendo, assim, um diálogo provocativo entre as várias dimensões do conhecimento (interdisciplinaridade, transdisciplinaridade).

Rousseau trata a educação como parte indissolúvel de um horizonte formativo, com desdobramentos, sobretudo no pensamento utópico, não aceitando as realidades opressoras como elas se apresentam, passivamente aceitas como fatalidade, mas como ponto de partida para transformações, perseguindo um projeto de sociedade melhor no futuro. Aliás, o contrato

social era um norte, no contexto rousseauiano, para uma sociedade ideal. Hoje, a sociedade, tomada holisticamente, encontra-se mergulhada em profunda crise de paradigmas, em que, parafraseando Gramsci, o velho ainda não morreu e o novo ainda não nasceu. Urge, pois, projetos alternativos que façam frente à globalização, ao neoliberalismo, à hegemonia dos meios de comunicação e à economia de mercado e seus corolários, para que os mesmos não sejam fatores que agravem ainda mais o abismo existente entre os que usufruem as benesses do poder, enquanto que a maioria da população mundial padeça com a fome, com o desemprego e com a miséria.

O ideário de Rousseau encontra forte ressonância na América Latina pelo teor de liberdade que emanam, inspirando diversas lutas políticas, onde a apelo à liberdade é latente. No que concerne ao Brasil tais ideias eram absorvidas pelos que podiam estudar fora do país. É incontestável a aproximação entre Rousseau e Paulo Freire, que igualmente em seu caráter utópico, tentou edificar uma pedagogia que promovesse a autonomia e a emancipação do sujeito.

A sociedade atual precisa se retroalimentar de uma reformulação do pensamento rousseauiano, revitalizando a utopia de tecer uma pedagogia – uma nova Paideia – realmente comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, formando sujeitos autônomos e emancipados, no lugar dos sujeitos sujeitados, massa de manobra nos tentáculos dos detentores do capital e do poder.